

APRESENTAÇÃO

História da infância e da juventude

Não é de hoje que a idade, enquanto elemento demarcador das etapas da vida, tem recebido as críticas e a atenção do universo acadêmico. Disposto a nos alertar que a divisão entre as idades é algo arbitrário e que as classificações por idade vêm a ser sempre uma forma de consolidar hierarquias e sedimentar limites, Pierre Bourdieu polemiza: “a juventude não é mais do que uma palavra”.¹ Transitando por diversas categorias etárias, papéis sociais e dimensões da prática social, crianças e adolescentes, são, indiscutivelmente, personagens na ordem do dia. Vistos como as supostas sementes da criminalidade ou, sob outro ângulo, como guardiões do futuro, responsáveis em potencial pelas esperanças legadas à posteridade, a eles são concedidas as representações, preocupações e anseios que respaldam as políticas das mais variadas naturezas, das assistencialistas às punitivas.

Desafiando a invisibilidade que a historiografia de cunho mais tradicional conferiu às experiências e às representações sociais das crianças e dos jovens ao longo do tempo, negando-lhes historicidade, o dossiê *História da infância e da juventude*, vem, como uma via privilegiada, reunir e estimular pesquisas atinentes à temática e trazer à baila debates que poderão transcender o universo acadêmico e embasar políticas sociais de reconhecimento e defesa dos direitos infantojuvenis. A quantidade de artigos submetidos ao dossiê (mais de quarenta) sinaliza a vivacidade de uma área que não se mantém estática, mas ativa e em constante diálogo com outros ramos, linguagens e abordagens, dando o tom plural dos objetos, fontes e instrumentais utilizados.

Se antes da década de 1960, tanto em nível internacional como no âmbito nacional, eram escassos os trabalhos historiográficos que se debruçassem sobre *os pequenos* no tempo, a conjuntura hodierna evidencia um cenário excepcional. Não há dúvidas quanto ao peso, influência e ousadia emanadas da historiografia francesa da nova *Nouvelle Histoire*, locus de

1 BOURDIEU, P. La “juventud” no es más que una palabra. In: _____. *Sociología y Cultura*. México: Grijalbo, Conaculta, 2002. p.163-173.

um dos maiores expoentes do assunto: Philippe Ariès. Reflexo dos debates e olhares que hoje são lançados ao universo infantojuvenil, tanto em meio acadêmico como fora dele, apresentamos o primeiro número do dossiê *História da infância e da juventude* da Revista Angelus Novus.

Interagindo com uma das historiadoras mais atuantes na área da história da infância mexicana e autora de produção científica considerável acerca do tema, Gizele de Souza e Juarez José Tuchinski dos Anjos, docentes da Universidade Federal do Paraná, abrem o dossiê com uma entrevista inédita com Susana Sosenski, professora da Universidad Nacional Autónoma de México. Da entrevista, podem ser extraídas sugestões metodológicas e percepções detalhadas sobre o campo da história da infância na América Latina. Com rigor e astúcia, as perguntas revolvem a trajetória acadêmica e as escolhas temáticas de Sosenski, assim como suas impressões sobre a historiografia da infância e objetos de investigação: crianças, infância, trabalho, cinema e consumo no México do século XX, além de valiosas dicas para a busca, que nos é tão cara e às vezes homérica, pelas experiências e vozes das crianças e dos adolescentes em tempos passados.

Temas clássicos nas abordagens sobre a infância, o dossiê traz inovadas interpretações sobre assistência e abandono, como os artigos de Alexandra Patrícia Lopes Esteves, professora da Universidade Católica Portuguesa, *A assistência à infância desvalida no Alto Minho oitocentista: o caso do Asilo de Infância Desvalida D. Maria Pia de Ponte de Lima*, e de Jonathan Fachini Silva, doutorando em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos: *A ilegitimidade e a exposição de crianças: um fenômeno entre mundos (América Latina, século XVIII-XIX)*.

Debruçando-se sobre os escritos de Lafcadio Hearn, professor estrangeiro que atuou no Japão entre 1890 e 1904, Edelson Geraldo Gonçalves, doutorando em História Social das Relações Políticas na Universidade Federal do Espírito Santo, nos contempla com a sua reflexão sobre o olhar de Hearn acerca dos jovens japoneses de Kumamoto, na transição do século XIX para o XX, em *Ensinando e aprendendo: um estudo sobre os alunos da cidade de Kumamoto nos Escritos de Lafcadio Hearn*.

Da Ásia à América do Sul, o dossiê conduz o leitor à realidade argentina com o texto de María Marta Aversa, docente da Universidad de Buenos Aires. Intitulado *El circuito de colocaciones laborales de niños y niñas asilados: Ciudad de Buenos Aires (fines del siglo XIX-principios del XX)*, o artigo de Aversa, em ousada proposta e bela contribuição aos estudos do trabalho infantil, explora a dimensão - muitas vezes oculta - dos destinos do labor em que meninos e meninas, que estavam sob os cuidados dos “defensores de menores”, foram remetidos sob a política assistencialista vigente à época.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Na sequência, em *Mensagens oficiais dos governadores do estado do Paraná (1928-1945): institucionalização para a proteção e assistência às crianças e adolescentes*, Ireni Marilene Zago Figueiredo e Mariza Scheffer Freire, ambas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, dissecam as mensagens dos governadores paranaenses Caetano Munhoz da Rocha e Affonso Alves de Camargo, assim como as dos interventores federais Mário Alves Monteiro Tourinho e Manoel Ribas, nelas identificando o processo e as propostas de institucionalização e proteção às crianças e adolescentes naquele estado.

Por sua vez, Carlos dos Santos, doutorando em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, dá relevo à pluralidade de fontes que a historiografia da infância e da juventude se vale nos tempos atuais, apresentando suas observações acerca de “*Acossado*” (1960): *uma representação da juventude no cinema francês*, ao passo que Ivana Guilherme Simili, professora da Universidade Estadual de Maringá, e Débora Pinguello Morgado, mestranda em História na mesma instituição, exploram a questão da diferenciação de gênero e de classe social na indumentária escolar em *Os uniformes no universo teen do Colégio Marista: uma história de distinção social e gênero*.

Tendo como pano de fundo o Brasil da ditadura civil-militar, Daniel Alves Boeira, doutorando em História na Universidade Estadual de Santa Catarina, e Cristiano José Pereira, pós-doutorando em História Econômica na Universidade de São Paulo, trazem, respectivamente, os resultados de suas investigações sobre juventude, política, economia e consumo em *Menoridade em pauta em tempos de ditadura: A CPI do Menor (Brasil, 1974-1976)* e *Indústrias e propaganda: anúncios das indústrias Yamaha e Honda na revista Veja (1974-1982)*.

Dialogando com o tempo presente, apresentamos o artigo *Violência simbólica na mídia: reflexões acerca dos processos de socialização infantil*, análise conjunta de Maria Soberana de Paiva, mestranda em Ciências Sociais e Humanas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e de Karlla Christine Araújo Souza, professora na mesma instituição. Mirando *As políticas de educação às crianças pequenas: os processos de focalização e descentralização pós 1990*, Suzana Pinguello Morgado, docente da Universidade Estadual do Paraná e doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Maringá, reflete sobre as garantias ao direito à educação infantil no Brasil contemporâneo.

Por fim, Angelo Adriano Faria de Assis, professor da Universidade Federal de Viçosa, na resenha intitulada *Infância perdida... os menores na Inquisição portuguesa*, à luz da dimensão da religiosidade, analisa o livro de Alex Monteiro Silva: *Anjos ou Hereges? Infância e Inquisição Portuguesa na Época Moderna* (Curitiba: Prismas, 2014).

Visando decifrar histórias e sujeitos que poderiam estar ocultos em razão dos poucos canais que tiveram para registrar suas vozes e ações, a reunião de pesquisas que o número 8 da

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

RAN apresenta pode ser considerada, de antemão, uma contribuição singular à historiografia contemporânea dedicada ao assunto. Através disso, os garotos que abrilhantam a capa deste número, flagrados em maio de 1910 pelas lentes do fotógrafo estadunidense Lewis Hine, vêm, como porta-vozes, nos convidar a conhecer e explorar seus mundos e, sobretudo, difundir um conjunto de narrativas onde crianças e adolescentes são tratados como sujeitos históricos.

Ainda que os fins fossem outros, a inventividade e persistência de Hine em captar os ângulos, nomes e histórias de vida das crianças e adolescentes dos Estados Unidos, no limiar do século XX, de um certo modo se assemelha à engenhosidade dos pesquisadores que, nas últimas décadas, têm se lançado aos domínios de Clio - como também para além destes - em busca dos universos infantojuvenis nos quatro cantos do mundo. Boa leitura!

José Pacheco dos Santos Júnior
Organizador do dossiê